

**Consmid****II Congresso Nacional de Saúde
Materno-Infantil e
Desenvolvimento Infantil**

O IMPACTO DA SEPARAÇÃO PREMATURA NO DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ

The Impact of Premature Separation on Infant Development

RESUMO

A psicanalista e pediatra Françoise Dolto afirma que a separação prematura entre mãe e bebê, especialmente nos primeiros dias de vida, constitui uma ruptura psíquica profunda, capaz de comprometer o desenvolvimento subjetivo da criança. Essa separação, comum em casos de internação neonatal, provoca privação sensorial — ausência de toque, voz, cheiro e olhar materno — vivida pelo bebê como uma forma de morte simbólica. A fragilidade vincular gerada por essa ausência afeta a constituição psíquica e a simbolização. A repetição de rupturas, como trocas constantes de cuidadores, intensifica o sofrimento e pode desencadear quadros graves, como fechamento autístico ou estruturas psicóticas. Segundo Dolto, bebês profundamente afetados podem manifestar o desejo de retorno à vida fetal, expressando-se por meio de comportamentos regressivos e estereotipados. Os impactos se revelam em sinais como apatia, retraimento, instabilidade emocional e prejuízos na organização motora e linguística. Sem uma presença suficientemente acolhedora, o bebê encontra dificuldades para investir afetivamente no mundo e simbolizar suas experiências, perpetuando o vazio relacional em situações futuras de ruptura.

Najla Gergi Krouchane

Psicóloga, Psicanalista, Especialista em Psicanálise com crianças e adolescentes e em Psicanálise Lacaniana, Doutoranda na Universidade Humanista das Américas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0281-4636>.

Carla Cristine Mello Froner

Psicanalista, Doutora em Psicologia Social, Coordenadora do Curso de Formação em Psicanálise do Instituto de Psicanálise Humanista e vice-reitora da Universidade Humanista das Américas.

PALAVRAS-CHAVES: Separação Prematura; Privação Sensorial; Desenvolvimento Infantil; Psicanálise; Françoise Dolto; Clínica com bebês.



Consmid

II Congresso Nacional de Saúde
Materno-Infantil e
Desenvolvimento Infantil

ABSTRACT

***Autor correspondente:**

Najla Gergi Krouchane

najlaatui@hotmail.com

Recebido em: [13-07-2025]

Publicado em: [28-08-2025]

The psychoanalyst and pediatrician Françoise Dolto states that premature separation between mother and baby—especially in the first days of life—constitutes a profound psychic rupture capable of deeply compromising the child’s subjective development. This separation, common in cases of neonatal hospitalization, leads to sensory deprivation—absence of touch, voice, smell, and maternal gaze—experienced by the baby as a form of symbolic death. The fragility of the bond caused by this absence affects the psychic constitution and the capacity for symbolization. The repetition of such ruptures—such as frequent changes in caregivers—intensifies suffering and may trigger severe clinical conditions, including autistic withdrawal or psychotic structures. According to Dolto, deeply affected babies may express a desire to return to fetal life, attempting to recover familiar sensory and affective stimuli. This desire manifests through regressive and stereotyped behaviors. The impacts are revealed in signs such as apathy, withdrawal, emotional instability, and impairments in motor, spatial, and linguistic organization. Without a sufficiently nurturing presence, the baby struggles to invest affectively in the external world and to symbolize their experiences, perpetuating relational emptiness in future situations of rupture.

KEYWORDS: Premature Separation; Sensory Deprivation; Child Development; Psychoanalysis Françoise Dolto; Clinical Work with Infants.



INTRODUÇÃO

A separação prematura entre mãe e bebê representa uma vivência psíquica altamente impactante, com efeitos duradouros na constituição subjetiva da criança. Apesar de sua importância, esse fenômeno ainda é pouco compreendido fora dos contextos especializados, sendo muitas vezes naturalizado como parte do processo médico ou institucional. A ausência da figura materna nos primeiros dias de vida não implica apenas em afastamento físico, mas em uma ruptura simbólica que compromete a estruturação psíquica do Eu, o vínculo com o outro e a inscrição na linguagem. Diante disso, torna-se urgente ampliar o debate teórico e clínico sobre os efeitos dessa separação, sobretudo à luz da psicanálise, valorizando os apontamentos da psicanalista e pediatra Françoise Dolto acerca da importância das vivências sensoriais e de linguagem, bem como do impacto da privação sensorial no psiquismo infantil.

Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar os efeitos psíquicos da separação prematura entre mãe e bebê nos primeiros dias de vida, com ênfase nas contribuições teóricas de Françoise Dolto, através da explanação de casos clínicos. Parte-se da hipótese de que a ausência materna nesse período fundante pode ser vivida pelo bebê como uma forma de morte simbólica, impactando a constituição da subjetividade, assim com a inscrição na linguagem inter-humana. Busca-se identificar as manifestações clínicas decorrentes dessa separação precoce, tais como retraimento psíquico, fechamento autístico e instabilidade vincular, articulando esses fenômenos com os impasses na construção da subjetividade.

Além disso, o trabalho propõe uma reflexão sobre estratégias de escuta e acolhimento que possibilitem a reintegração simbólica do bebê ao vínculo com o outro e à linguagem, enfatizando a presença da função materna. A pesquisa pretende contribuir para o campo da psicanálise infantil e para práticas clínicas voltadas à primeira infância, especialmente em contextos de risco psíquico e institucionalização.

MATERIAL E MÉTODOS



A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza teórico-clínica, fundamentada na análise das obras psicanalíticas da pediatra e psicanalista Françoise Dolto, principalmente pelas obras *Seminário de Psicanálise com Crianças* (2013) e *A Imagem Inconsciente do Corpo* (2012), bem como em estudos sobre o desenvolvimento infantil, especialmente no livro *Manual de Psicopatologia do recém-nascido* (1990).

Através da explanação de casos clínicos, evidenciam-se os impactos da separação prematura no desenvolvimento infantil. A abordagem adotada permite uma exploração aprofundada dos efeitos da separação prematura na constituição subjetiva, com especial atenção aos bebês expostos à privação sensorial nos primeiros dias de vida. Tal perspectiva possibilita compreender como a ausência de estímulos afetivos e corporais — como o toque, o olhar e a voz materna — impacta diretamente a constituição psíquica do bebê, afetando, como consequência, seu desenvolvimento global.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A separação prematura corresponde a uma ruptura abrupta nos instantes iniciais da existência, especialmente quando o recém-nascido é privado do contato direto com o corpo materno — principalmente como ocorre com bebês prematuros que necessitam de cuidados em incubadoras ou mediante ao óbito materno. Essa ausência de estímulos sensoriais essenciais — como o toque, o cheiro, a voz e o olhar da mãe — mergulha o bebê em um estado de silêncio e solidão, afetando a constituição da percepção de si e a emergência da subjetividade.

Para Dolto (2013), essa privação pode ser vivida como uma forma de morte psíquica, pois rompe o vínculo fundante com o ser que o fala, o reconhece e o inscreve na linguagem. “O grande perigo para os prematuros vem do estado de privação sensorial - o silêncio e a solidão - no qual a incubadora os mergulha. Nenhum cheiro da mãe, nenhum contato visual, nenhum toque, nenhuma das carícias que delimitam o corpo.” (DOLTO, F. 2013, p. 101).

O bebê prematuro tende a apresentar uma sensibilidade exacerbada aos estímulos sensoriais, reagindo com retraimento e instabilidade nas funções homeostáticas. Essa condição pode se manifestar por meio de comportamentos hiper-reativos ou hiperativos, dificultando a autorregulação emocional e fisiológica. Como aponta Marcelli (1998), esses bebês costumam



ser irritadiços, de difícil consolo, e não expressam suas necessidades por meio de sinais claros de apelo, o que compromete a comunicação afetiva com o cuidador e fragiliza o vínculo inicial.

A solidão e a ausência materna são vivências recorrentes em bebês prematuros que necessitam de cuidados intensivos em incubadoras. Segundo Dolto (2013), “estar na incubadora significa estar em risco, podendo propiciar um verdadeiro autismo experimental” (p. 101). A incubadora, embora necessária do ponto de vista médico, pode representar uma ruptura simbólica significativa: ela distancia o bebê de tudo que lhe é familiar — o corpo, a voz, o cheiro e o olhar da mãe — estabelecendo um laço artificial com a máquina. Essa dissociação sensorial e afetiva pode impactar a constituição subjetiva e favorecer o fechamento autístico, como forma de defesa psíquica diante da impossibilidade de investir afetivamente no outro humano.

Um bebê que sai do útero e começa a respirar encontra-se em um espaço desconhecido, mas já circunscrito por múltiplas referências que são uma espécie de unidade sensorial, apesar da dispersão das zonas erógenas. Seu corpo está limitado pelas roupas, por um berço, pelos braços que o seguram e lhe mantém uma certa estabilidade. Depois, há a voz da mãe que lhe permite reconhecer-se, ele próprio - sua mãe, toda vez que ela cuida dele. Ao passo que, em incubadora, os bebês são cortados de qualquer relação com o mundo exterior e não podem sentir os limites do corpo, já que estão nus. Finalmente, seu próprio mundo interior é enchido e esvaziado, sem nenhuma referência afetiva com ninguém. Esses recém-nascidos não entendem que eles existem rodeados por um mundo exterior quase invariável e idêntico no tempo, e por um mundo interior que se enche e se esvazia. Os prematuros colocados com incubadora trazem em si uma espécie de potencialidade psicótica que pode ser brutalmente despertada com uma história de separação prolongada. Além das razões que expus, a potencialidade psicótica de um prematuro é em também do fato de ele ser privado, depois de seu nascimento, da audição que tinha in útero, das conversas entre seu pai e sua mãe. Das duas vezes que ouvia através da parede abdominal da mãe. (DOLTO, F., 2013, p. 101).

Segundo Kreisler (apud Mazet & Stoleru, 1990), a separação prematura pode desencadear estados intensos de desorganização psíquica, especialmente nos primeiros meses de vida. Até os seis meses, observa-se no bebê sinais marcantes de indiferença afetiva, escassez de expressões faciais e vocalizações, apatia, embotamento emocional, desvio de olhar e sofrimento evidente no contato corpo-a-corpo. Esses sinais revelam uma lacuna na constituição do vínculo primário e na organização sensorial do Eu. Após esse período, tais manifestações tendem a se intensificar e se diversificar, dando lugar a atrasos no desenvolvimento motor, na organização temporal e espacial, bem como na aquisição da linguagem. Além disso, surgem



Consmid

II Congresso Nacional de Saúde
Materno-Infantil e
Desenvolvimento Infantil

quadros de instabilidade emocional, excitação excessiva e dispersão psíquica, que comprometem a capacidade de autorregulação e de investimento no ambiente. Essas alterações refletem equívocos na integração precoce das experiências sensoriais e afetivas, fundamentais para a constituição subjetiva, bem com a percepção de si.

Segundo John Bowlby (apud MARCELLI, 1998), entre os cinco meses e três anos de idade, a criança atravessa um período especialmente sensível às separações, durante o qual o vínculo de apego com a figura cuidadora está em processo de consolidação. Nesse contexto, Bowlby descreve três fases comportamentais que o bebê pode apresentar diante da ausência prolongada da mãe ou do cuidador principal:

- a) *Uma fase de protesto* quando da separação: a criança chora, agita-se, procura seguir seus pais, chama-os (sobretudo ao deitar). Fica inconsolável, mas, depois de 2 a 3 dias, as manifestações ruidosas atenuam-se.
- b) *Uma fase de desespero* então sobrevém: a criança recusa-se a comer, a ser vestida, permanece fechada, inativa, nada mais pede às pessoas que a cercam. Parece estar em um estado de luto profundo.
- c) *Por fim, uma fase de desligamento*: não mais recusa a presença de enfermeiros, aceita seus cuidados, a alimentação, os brinquedos. Se, nesse momento, a criança rever sua mãe, poderá não reconhecê-la ou desviar-se dela. Mais frequentemente grita ou chora. (BOWBLY apud MARCELLI, 1998, p. 250).

A separação prematura constitui uma experiência psíquica devastadora, marcada por rupturas que podem assumir diferentes formas — desde a ausência materna imediata até a inserção do bebê em ambientes desconhecidos e despersonalizados. Sua gravidade se intensifica quando essa ausência ocorre nos primeiros oito dias após o nascimento, período que Dolto (2013) considera fundante para a constituição psíquica e subjetiva. Nessa fase, o bebê ainda não distingue o Eu do outro, e a ausência da mãe pode ser vivida como uma forma de morte simbólica, instaurando um luto precoce e silencioso.

A alternância frequente de ambientes e cuidadores configura formas sutis, porém impactantes, de separação que incidem diretamente sobre o psiquismo infantil. Mudanças como trocas de residência ou de figuras de cuidado — mesmo quando aparentemente banais — interrompem a continuidade simbólica necessária à construção de vínculos estáveis. Segundo Dolto (2013), essas rupturas fragilizam o bebê, privando-o da possibilidade de investir afetivamente em um outro que o reconheça como sujeito. Tal instabilidade pode ativar uma potencialidade psicótica, especialmente em crianças que já vivenciaram experiências precoces de desamparo. Nessas circunstâncias, situações futuras semelhantes podem reativar



intensamente a sensação de vazio, gerando sofrimento psíquico profundo e reatualizando o trauma da ausência fundante. Esses efeitos são frequentemente observados em quadros clínicos como o autismo e a psicose infantil, nos quais o laço com o outro foi interrompido ou não suficientemente sustentado.

Privado da presença afetiva e sensorial da mãe, o bebê solitário pode construir uma linguagem própria, desvinculada do código inter-humano, como tentativa de inscrição psíquica diante da ausência fundante. Em crianças com quadros de evolução autística, os gestos compulsivos e estereotipados frequentemente assumem a função de substitutos simbólicos de uma presença materna ausente. Esses gestos representam encontros com figuras invisíveis — fantasmas de um corpo carnal que não esteve suficientemente presente para que o psiquismo se estruturasse no registro mímico, sonoro e visual da linguagem humana. (DOLTO, F., 2013).

Diante das vivências de abandono em contextos institucionais, em especial nos abrigos, a criança não demonstra abatimento de forma imediata. Inicialmente, ela tende a realizar se vincular com um cuidador substituto, buscando preservar o vínculo afetivo essencial à sua constituição subjetiva. No entanto, quando há trocas frequentes dessa figura de cuidado, o laço não se consolida, e a criança pode entrar em um estado de retraimento profundo (DOLTO, F., 2013).

Segundo Dolto (2013), essa instabilidade pode despertar o desejo de retorno à vida fetal — uma tentativa regressiva de reencontrar as experiências que lhe eram familiares. Tal movimento pode culminar no fechamento autístico, expressão clínica de um psiquismo que se recolhe diante da impossibilidade de estabelecer vínculos estáveis e significantes com o outro.

Observa-se o movimento de tentativa de retorno a vida fetal em casos de evolução autística. No autismo há uma tentativa de: - prorrogar artificialmente o envelope intra-uterino e, portanto, negar o nascimento; - recusar todos os envelopes oferecidos pela mãe e pelo meio (tátil, visual, sonoro, cinestésico); - não exercitar as funções da pele e dos órgãos dos sentidos e não adquirir a configuração de uma interface; - deixar o corpo indiferenciado dos objetos e dividido com elementos separados, dotados de um valor auto-erótico; - encontrar a pára-excitação no isolamento, na imobilidade do corpo, na imutabilidade do meio, na inibição das funções. (ANSIEU, 1989, p. 267).

O desejo de retorno à vida fetal emerge como resposta psíquica diante de experiências intensas de desamparo. Embora o nascimento inaugure uma vivência que retrata o desamparo para todos os sujeitos, é a presença de um outro que exerça a função materna — acolhendo, nomeando e oferecendo afeto — que permite ao bebê atravessar esse momento fundante sem



sucumbir ao vazio. Quando essa função é fragilizada por separações prematuras ou rupturas precoces, a construção do laço com o outro se torna instável, e a sensação de vazio tende a se repetir em situações posteriores de desamparo.

Essa repetição não é apenas emocional, mas estrutural: o sujeito, privado de uma inscrição simbólica consistente, pode apresentar dificuldades em simbolizar suas experiências, estabelecer vínculos afetivos e investir libidinalmente no mundo externo. Segundo Dolto, esse desejo regressivo representa uma tentativa de reencontrar as sensações perdidas, revelando o impacto profundo que a ausência de acolhimento nos primeiros tempos de vida, e em especial nos primeiros dias, pode ter sobre o desenvolvimento psíquico da criança.

No que tange à separação prematura nos primeiros dias de vida, tem-se como exemplificação o caso da bebê Agnes, apresentado por Françoise Dolto em *A Imagem Inconsciente do Corpo* (2012), revela os efeitos profundos da separação materna precoce no desenvolvimento psíquico infantil. Após cinco dias de amamentação, Agnes passou a recusar qualquer alimento, comportamento que surgiu após a hospitalização da mãe por uma condição de saúde grave.

Diante da recusa alimentar, Dolto orientou o pai a envolver a bebê com uma camisola usada pela mãe, preservando seu cheiro, durante a oferta da mamadeira. A resposta foi imediata: Agnes aceitou o alimento, demonstrando como o odor materno funcionou como um elemento de segurança e reconhecimento afetivo. Mesmo com poucos dias de vida, o episódio evidencia o papel essencial dos sentidos — especialmente o olfato — na constituição psíquica e na ativação do desejo de viver.

Segundo Dolto, a ausência abrupta da mãe representou para Agnes uma ameaça existencial, levando-a a uma entrega simbólica à morte. No entanto, ao ser estimulada pela zona erógena olfativa, seu narcisismo primordial foi reativado, permitindo o resgate do impulso vital. Como a autora afirma:

“O que faltava a este bebê devido à ausência de sua mãe, para saber engolir? [...] Havia mamado por três ou quatro dias, só se podia pensar que a imagem olfativa da mãe, repentinamente ausente, era o que lhe faltava.” (DOLTO, 2012, p. 53).

Esse caso ilustra com sensibilidade como o corpo e os sentidos funcionam como vias fundamentais de comunicação e sobrevivência nos primeiros dias de vida, especialmente diante de rupturas afetivas intensas.



Referente a casos de prematuridade que exigem cuidados em incubadora, destaca-se o caso de Mylene, descrito no *Manual de Psicopatologia do Recém-Nascido* (1990). Esse relato evidencia os desafios do desenvolvimento infantil em contextos marcados por fragilidade emocional e social. Aos onze meses, Mylene manifesta comportamentos instáveis e uma agitação intensa, opondo-se frequentemente à mãe, especialmente durante as refeições.

A mãe, marcada por um quadro de depressão e isolamento social, vive apenas com a filha. Escolheu não permitir o reconhecimento paterno, mantém uma relação distante com a irmã e possui poucos vínculos afetivos. A gravidez não foi desejada, e o parto prematuro contribuiu para agravar a complexidade da relação mãe-filha.

Após o nascimento, Mylene foi hospitalizada por várias semanas, passando inicialmente por cuidados em incubadora. A mãe relata que levou cerca de um mês e meio para perceber sinais de interação com a filha. Apesar de a agitação ter diminuído posteriormente, a mãe preferia vê-la inquieta do que calma, como no período em que esteve na incubadora — revelando uma dinâmica afetiva ambígua.

A prematuridade, combinada às complicações perinatais e à separação precoce imposta pelo ambiente hospitalar, configura um cenário traumático que impactou profundamente o início da vida de Mylene

A inquietação constante pode ser interpretada como um sintoma da criança diante da depressão materna. A hiperatividade revela, possivelmente, uma tentativa de evitar o colapso emocional, funcionando como resistência à apatia. A relação materna, permeada por um desejo fragilizado e pela ausência de apoio familiar e social, influencia diretamente na forma como Mylene constrói seus vínculos e reage ao ambiente.

Portanto, os casos de separação prematura entre mãe e bebê exigem uma escuta clínica sensível por parte dos profissionais que atuam diretamente com o bebê, bem como uma abordagem que ultrapasse os protocolos médicos convencionais, considerando os efeitos psíquicos profundos que essa ruptura pode provocar. O manejo clínico deve priorizar a reconstrução simbólica do vínculo, favorecendo uma espécie de reativação das sensações sensoriais anteriormente vividas na vida intrauterina e nos primeiros momentos de existência. Trata-se de oferecer ao bebê uma presença suficientemente acolhedora, capaz de sustentar a função materna simbólica e permitir a reinscrição do sujeito na linguagem e no laço com o outro.



CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a separação prematura entre mãe e bebê, especialmente nos primeiros dias de vida, configura uma vivência psíquica de grande impacto, capaz de comprometer profundamente a constituição da subjetividade infantil. À luz da psicanálise, e em especial das contribuições de Françoise Dolto, compreende-se que essa ruptura não se limita à ausência física, mas representa um impacto no desenvolvimento de forma global, principalmente no que tange ao psiquismo e a subjetividade.

A privação sensorial e afetiva vivida pelo bebê — seja em contextos de internação, institucionalização ou instabilidade vincular — pode ser experienciada como uma forma de morte simbólica, gerando desorganização psíquica, retraimento, comportamentos estereotipados e dificuldades na simbolização. Em casos mais graves, observa-se o risco de fechamento autístico ou de estruturas psicóticas, revelando a urgência de práticas clínicas que favoreçam a reinscrição simbólica do sujeito no laço com o outro.

Diante disso, torna-se essencial que profissionais da saúde, da educação e da clínica estejam atentos aos sinais precoces de sofrimento psíquico, promovendo estratégias de escuta, acolhimento e continuidade vincular que permitam ao bebê reconstruir sua trajetória afetiva e simbólica. A separação prematura não é apenas um evento biográfico: é uma marca estrutural que, se não elaborada, pode reverberar ao longo da vida. Reconhecer e intervir sobre essa experiência é, portanto, um gesto ético e clínico de cuidado com o sujeito em sua dimensão mais originária.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora profa. Dra. Carla Cristine de Mello Froner, à Universidade Humanista das Américas (HUA) e ao Instituto de Psicanálise Humanista (ITPH) pelo acolhimento e pelo suporte ao desenvolvimento deste projeto de pesquisa, assim como pela viabilização do presente artigo, produzido com base na tese de doutorado em andamento no curso de Doutorado em Psicanálise Humanista da Universidade Humanista das Américas.

REFERÊNCIAS



Consmid

**II Congresso Nacional de Saúde
Materno-Infantil e
Desenvolvimento Infantil**

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. Tradução: Noemi Moritz Kon e Marise Levy. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 328 p.

DOLTO, F. **Seminário de psicanálise com crianças**. Tradução: Marcia Valéria Martinez de Aguiar. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 504p.

DOLTO, F. **Tudo é linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018. 184 p.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MAZET, P.; STOLERU, S. **Manual de Psicopatologia do Recém-Nascido**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA, 1990.

Consmid